

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO**  
**LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**JARDESON DE SOUSA GUILHERME**

**PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA: UM OLHAR SOBRE A VISÃO DOS**  
**ATORES ESCOLARES NA ESCOLA ESTADUAL PROFº JOSÉ GONÇALVES DE**  
**QUEIROZ SUMÉ-PB.**

**SUMÉ-PB**

**2015**

**JARDESON DE SOUSA GUILHERME**

**PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA: UM OLHAR SOBRE A VISÃO DOS  
ATORES ESCOLARES NA ESCOLA ESTADUAL PROFº JOSÉ GONÇALVES DE  
QUEIROZ SUMÉ-PB**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Campina Grande como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Profº Dr. Valdonilson Barbosa Dos Santos.

**SUMÉ-PB**

**2015**

G956p

Guilherme, Jardeson de Sousa.

Preconceito racial na escola: Um olhar sobre a visão dos atores escolares na escola estadual prof. José Gonçalves de Queiroz, Sumé - PB. / Jardeson de Sousa Guilherme. - Sumé - PB: [s.n], 2015.

47 f.

Orientador: Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Escola - conflitos. 2. Comportamento social. 3. Preconceito racial. I. Título.

CDU: 37:342.724

(043.3)

JARDESON DE SOUSA GUILHERME

**PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA: UM OLHAR SOBRE A VISÃO DOS  
ATORES ESCOLARES NA ESCOLA ESTADUAL PROFª JOSÉ GONÇALVES DE  
QUEIROZ SUMÉ-PB**

Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Ciências Sociais de Centro de  
Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da  
Universidade Federal de Campina Grande  
como requisito parcial para obtenção de título  
de licenciado em Ciências Sociais.

Aprovada em: 26/03/2015.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos  
(Orientador – UFCG/CDSA/UAEDUC)



Profa. Mestra Sheylla de Kassia Silva Galvão  
(Examinadora Titular – UFCG/CDSA/UAEDUC)



Prof. Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto  
(Examinador Titular – UFCG/CDSA/UAEDUC)

Dedico este trabalho ao meu pai Gilvan José Guilherme, a minha mãe Cleonice Luzia de Sousa Guilherme, ao meu irmão Jamerson de Sousa Guilherme e aos meus familiares e amigos, por todo o apoio e incentivo nessa caminhada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, aos meus pais Gilvan José Guilherme e Cleonice Luzia de Sousa Guilherme e ao meu irmão Jamerson de Sousa Guilherme que sempre me apoiaram e me deram todo o recurso financeiro para me manter. Quero agradecer, ainda, a todos os meus amigos, que sempre estiveram comigo e me ajudaram nas dificuldades com o curso, e também a todos os professores que fizeram parte da minha caminhada estudantil, em especial à Prof<sup>a</sup> Mestra Sheylla de Kassia Silva Galvão, pelos livros emprestados e pelas dicas e, principalmente, ao meu orientador o Prof<sup>o</sup> Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos, pela troca de conhecimento e pela paciência.

## RESUMO

O preconceito racial contra o negro está presente na sociedade nos diversos segmentos sociais no Brasil e no mundo. No Brasil, vemos os negros (pretos e pardos) como maioria da população. No mercado de trabalho, são os mais desvalorizados e com os menores salários, morando quase sempre em bairros pobres. Sendo assim, a escola uma das instituições incumbidas de preparar o aluno para exercer a cidadania, é historicamente preconceituosa. Tendo em vista que a escola é preconceituosa e que há uma escassez de trabalhos com essa temática na região do cariri paraibano, foi o motivo pelo qual foi feito este estudo visando atrair as atenções para o preconceito racial contra o negro dentro dessa instituição. Sendo assim, aqui pretende-se saber, na visão dos atores escolares, alunos(as), porteiros, professores de sociologia e gestora escolar, se existe ou não o preconceito contra o negro dentro da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, se preferem afirmar ou silenciar o preconceito e saber se o tema está sendo tratado adequadamente. Esta pesquisa é de cunho qualitativo e foi aplicado o questionário como ferramenta para coletar os dados. Neste estudo o que nos aponta é o silêncio por parte dos alunos quando presenciaram o preconceito contra o negro e que, segundo os atores escolares, essa prática é mais comum entre os alunos. A ideia de se discutir isoladamente a questão racial em disciplinas pontuais, na área de humanas, e discutir abundantemente em uma data comemorativa também aparece. Sendo assim, a escola é preconceituosa, embora boas ações tenham sido feitas no combate ao preconceito, isso ainda não é o suficiente.

**PALAVRAS-CHAVES:** Negro; Preconceito racial; Escola.

## ABSTRACT

Racial prejudice against black is present in society in different social segments in Brazil and worldwide. In Brazil, we see the black (black and brown) as most of the population. In the labor market, are the most undervalued and with the lowest wages, often living in poor neighborhoods. Thus, the school of the institutions responsible for preparing students to exercise citizenship, is historically biased. Given that the school is prejudiced and that there is a lack of studies on this topic in the Paraíba cariri region, was the reason why it was done this study to draw attention to racial prejudice against black within that institution. So here it is intended to know, in view of school actors, students (as), porters, sociology teachers and school management, whether or not the prejudice against black within the State School of Elementary and Secondary Education Professor José Gonçalves de Queiroz, are preferred state or mute the bias and whether the subject is being handled properly. This research is a qualitative approach and applied the questionnaire as a tool to collect the data. In this study which points us is the silence from students when they see the prejudice against black and, according to the school actors, this practice is more common among students. The idea of separately discuss the issue of race in individual disciplines in the humanities, and discuss thoroughly in a commemorative date also appears. Therefore, the school is biased, though good deeds have been made in the fight against prejudice, this is still not enough.

**KEY – WORDS:**black; Racial prejudice; School.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 O NEGRO NO BRASIL: INTERPRETAÇÕES</b> .....	12
1.1 POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL ATUAL .....	20
<b>2 ANALISANDO QUESTIONÁRIOS: O PRECONCEITO RACIAL</b> .....	23
2.1 DOS ALUNOS .....	23
2.2 DO PORTEIRO .....	28
2.3 DOS PROFESSORES DE SOCIOLOGIA .....	29
2.4 DA GESTORA ESCOLAR .....	35
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICA</b> .....	40
<b>APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO</b> .....	43
<b>APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS</b> .....	44
<b>APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO DO PORTEIRO</b> .....	45
<b>APÊNDICE 4 – QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES DE SOCIOLOGIA</b> .....	46
<b>APÊNDICE 5 – QUESTIONÁRIO DA GESTORA ESCOLA</b> .....	47



## INTRODUÇÃO

O preconceito racial é algo que perpassa gerações no Brasil e no mundo, acontece com branco, indígena, amarelo, e principalmente com a pessoa negra. Foi e continua sendo, tema de debates e discordâncias entre sociólogos. Está presente na sociedade e também dentro da escola, ambiente esse de uma pluralidade racial e que muitas vezes prefere silenciar sobre essa prática. E é nesse sentido, que trago essa discussão do preconceito contra o negro na escola, com este trabalho para o cariri paraibano, que é escasso de debate sobre tema. Aqui almeja-se abrir os olhos dos atores escolares sobre esta prática e saber se eles preferem silenciar ou afirmam a existência dessa prática discriminatória dentro da escola. Aproveitando dessa existência ou não, na visão dos atores, pretende-se saber deles se a questão étnica racial está sendo tratada adequadamente na escola.

A partir da visão dos (as) alunos (as), porteiro, professores de sociologia e gestora escolar, sobre o preconceito contra o negro dentro da escola, é importante observar se para eles este tema, tão delicado, está sendo discutido adequadamente. Não pretende-se dar fórmula para erradicar o preconceito dentro da escola, mas detectar o preconceito racial dentro do ambiente escolar.

Dessa forma, este trabalho fica dividido em três partes. A primeira parte apresenta uma discussão de sociólogos e antropólogos a respeito da pessoa negra no Brasil, de como esses autores contribuíram ou não para o preconceito no Brasil. Aqui o debate fica acerca de Silvio Romero, Manoel Bomfim, Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro entre outros nomes e também a apresentação de dados que demonstram a desigualdade sofrida pela pessoa negra em alguns segmentos sociais no Brasil e na Paraíba. A segunda parte fica por conta da análise dos questionários dos alunos (as), porteiro, professores de sociologia e gestora escolar, para detectar o preconceito racial dentro da escola, a partir da visão destes. E por último as considerações finais do estudo.

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor “José Gonçalves de Queiroz” localizada na Microrregião do Cariri Ocidental, mais especificamente na cidade de Sumé, Paraíba. Escola esta, criada em 09 de março de 1974, pelo governador Ivan Bichara Sobreira através do decreto Nº 3.887, para funcionar inicialmente no 1º Grau (atual ensino fundamental).

A Escola tem 699 alunos, divididos em Ensino Médio 456 alunos, EJA 125 alunos, Ensino Fundamental 69 alunos e Alumar 49 alunos. Conta com o quadro de 67 professores e de 52 funcionários divididos em direção, psicóloga, secretária, portaria, limpeza e cozinha.

Não se sabe a quantidade de alunos negros e brancos, apenas que não tem aluno indígena e nem amarelo. A escola detêm em sua estrutura física 26 salas de aula, 1 sala de direção com banheiro, 1 sala de secretaria, 1 auditório, 1 biblioteca, 1 laboratório de informática, 1 laboratório de ciências, 1 laboratório de matemática, 1 sala de coordenação, 1 sala de psicólogo, refeitório, cozinha, dois banheiros masculinos, dois banheiros femininos, 1 ginásio de esportes com banheiro masculino e feminino e 1 sala de professores com banheiro. Uma escola bem estruturada fisicamente.

Segundo Moresi (2003, p.8) “pesquisar significa, de forma bem simples, procurar respostas para indagações propostas”. Esta pesquisa é de cunho qualitativo.

**Pesquisa Qualitativa:** considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (MORESI, 2003, p. 8-9)

A coleta de dados foi feita através da aplicação de questionários. Segundo Gil:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.(GIL, 2008, p.121).

Apesar de não ter conseguido os dados de quantos alunos negros, brancos, indígenas e amarelos estudam na escola, presencialmente pudemos perceber um elevado número de alunos negros circulando por entre os corredores da escola. Sendo assim um ambiente propício para a pesquisa. A receptividade por parte da direção da escola foi acolhedora, não teve nenhuma restrição para pesquisar, a gestora deixou a vontade, principalmente quando tomou conhecimento do tema e pela relevância desse estudo na escola.

O primeiro contato com a escola para fazer a pesquisa, foi feito em novembro de 2014. Após a liberação para pesquisar, foram aplicados os questionários aos alunos (as), porém o mês não foi o suficiente para concluir a pesquisa, devido à pausa para as férias de fim de ano. Sendo assim, outro retorno foi feito à escola para aplicar o questionário com os alunos (as), professores de sociologia, com a gestora e com o porteiro, o que só foi possível no retorno as aulas no mês de fevereiro de 2015, concluindo assim neste mês.

O questionário foi aplicado a alunos (as), porteiro, professores de sociologia e gestora escolar. É importante salientar que os 22 questionários que foram aplicados a alunos (as) que se disponibilizaram a respondê-los por vontade própria, após serem apresentados ao tema da pesquisa e acharam interessante a participação, sendo alunos do 1º ano, 2º ano e do 3º ano do Ensino Médio de turmas diferentes. A maioria dos alunos que respondeu ao questionário é do gênero feminino (15) restando ao masculino os demais (7), em uma faixa etária entre 15 e 20 anos, sendo boa parte negra. Dentre os atores escolares a que foram aplicados os questionários, o porteiro, de 57 anos de idade é o que tem mais tempo de trabalho prestado à escola. Está nela há exatos 27 anos e já presenciou diversas trocas no comando da direção escolar e passou por muitas gerações de alunos. Já a gestora escolar tem 47 anos de idade e está na direção da escola desde 11 de fevereiro de 2011. O professor tem 28 anos, é formado em Sociologia e tem um curso de Filosofia incompleto. Lecionou Sociologia e Filosofia no ano de 2011 e em 2014. A professora é formada em Sociologia e há cinco anos leciona essa disciplina.

As questões são mescladas entre múltipla escolha e abertas. O questionário foi entregue aos alunos para que eles levassem para suas casas e no dia seguinte foram recolhidos, todos respondidos. Ao porteiro, o questionário foi entregue na escola no horário de trabalho, e o mesmo em um momento de pouco movimento, respondeu em poucos minutos e entregou de volta.

Para os dois professores de Sociologia os questionários foram entregues de modos diferentes. Ao professor, foi entregue em sua casa e foi recolhido dois dias após a entrega. Já para a professora, devido desencontros, foi enviado por email e respondado alguns dias depois. Para o gestora escolar foi entregue na escola em um momento de pouco movimento, e após discutirmos sobre o assunto, ela respondeu e entregou alguns minutos depois. Para os professores e para a gestora escolar, com exceção da primeira questão que foi de múltipla escolha, as outras foram todas abertas.

Após o recolhimento dos questionários foi feito um processo de tabulação e seleção para serem analisados e qualificados, vislumbrando um diagnóstico a responder o objetivo da pesquisa.

## 1. O NEGRO NO BRASIL: Interpretações

O preconceito racial contra o negro é notório desde os nossos antepassados, em que o negro foi taxado como a causa do problema social brasileiro, mas também alguns autores o tiraram este fardo. Nesse capítulo pretende-se demonstrar como o negro foi e é taxado em nossa sociedade, fazendo uma espécie de linha do tempo e mostrando a evolução dos pensamentos, que hora o negro foi tratado como o problema, depois situado em uma suposta harmonia racial e por último retirado este pesado fardo, embora, continue vivendo discriminado.

Defendendo o branqueamento da população brasileira encontra-se Sílvia Romero<sup>1</sup> (1882, p. 7) que em “Introdução à História da Literatura Brasileira”, dizia “Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas ideias.” Para ele, o povo brasileiro é resultado da mistura de três raças: o índio, que aqui estava; o português, que aqui chegou, e o negro, trazido pelo português da África para ser escravizado. Para Romero, somos uma sub-raça, pela mistura com o índio e o negro. Dessa forma nos diferenciamos do europeu.

A raça ariana, reunindo-se aqui a duas outras totalmente diversas, contribuiu para a formação de uma *sub-raça* mestiça e crioula, distinta da européia. A introdução do elemento negro, não existe na maior parte das repúblicas espanholas, habilita-nos, por outro lado, a afastar-nos destas e de um modo bem positivo. (ROMERO, 1882, p. 15)

Segundo Romero, o povo brasileiro constitui-se de brancos, índios, negros e mestiços das três raças. Para ele, o índio e o negro tendem a desaparecer à medida que o mestiço tende a crescer. “O mestiço, que é a genuína formação histórica brasileira, ficará só diante do branco puro, com o qual se há de confundir.” (ROMERO, 1882, p. 16)

Para Sílvia Romero, outro fator determinante para o atraso brasileiro é o fato de o país estar situado em uma região de clima quente, o que torna o povo preguiçoso e improdutivo. Sobre isso ele diz que;

(...) Temos uma população mórbida, de vida curta, achacada e pesarosa em sua maior parte. E que relação tem isto com a literatura brasileira? Toda. É o que explica a precocidade de nossos talentos, sua extenuação pronta, a facilidade que temos em aprender e a superficialidade de nossas faculdades inventivas.  
O trabalho intelectual é no Brasil um martírio; por isso pouco produzimos; cedo nos cansamos, envelhecemos e morremos depressa. (ROMERO, 2002, p. 24)

---

<sup>1</sup> Sílvia Romero (1851-1914) “Introdução à História da Literatura Brasileira” obra de (1882).

De acordo com Silvio Romero, a mestiçagem nada mais é do que uma trajetória para a raça branca. “Fica claro para nós que a mestiçagem, no pensamento de Romero, representa apenas uma fase transitória e intermediária no pavimento da estrada que levaria a uma nação brasileira presumidamente branca.” (MUNANGA, 2008, p. 49-50).

Indo na mesma direção, enquanto ao atraso brasileiro, encontra-se Nina Rodrigues<sup>2</sup> que, em sua obra “Os Africanos no Brasil” (2010), argumenta que o negro, apesar de ter sofrido durante a escravidão, apesar de inúmeras contribuições para a nação brasileira, irá sempre carregar o fardo patológico do atraso brasileiro.

Não é, pois, a concepção teórica, toda especulativa e não demonstrada, de uma incapacidade absoluta de cultura dos negros, que merece preocupar povos, como o brasileiro, que, com a escravidão africana, receberam e incorporaram em sua formação étnica doses colossais de sangue negro. O que importa ao Brasil determinar é o quanto de inferioridade lhe advém da dificuldade de civilizar-se por parte da população negra que possui e se de todo fica essa inferioridade compensada pelo mestiçamento, processo natural por que os negros se estão integrando no povo brasileiro, para a grande massa da sua população de cor. (RODRIGUES, 2010, p. 291)

“De certo modo, Nina vê na mestiçagem um produto e um resultado diametralmente oposto ao vislumbrado por Romero. Em vez de branqueamento, ele vê o enegrecimento.” (MUNANGA, 2008, p. 54).

Para idealizar uma suposta harmonia racial e encobrir o preconceito, aparece Gilberto Freyre<sup>3</sup> em sua obra “Casa – Grande e Senzala”, datada na década de 1930. Com essa escrita ele lançou um modo de interpretação, contrariando as teorias racistas, com base nos locais onde se encontravam os senhores e os escravos, ou seja, na Casa-Grande e na Senzala, como se houvesse uma harmonia entre os senhores e os escravos.

Logo, na teoria de Gilberto Freyre a ordem da sociedade encontra no processo de fusão, acomodação e assimilação seu poder maior e este poder, inclusive, é responsável por traçar o caráter nacional com base na harmonização. Desse modo, com Gilberto Freyre, o negro deixa de ser um problema patológico e o motivo de subdesenvolvimento nacional e passa a ser considerado como um dos elementos civilizadores da nação, o que pode ser percebido através de sua obra “Casa-Grande e Senzala” (1936). (FARIAS, 2004, p. 11)

Para Gilberto Freyre o negro tem um papel importante para o Brasil, em certos pontos, tendo mais importância do que o índio que aqui estava e o branco que aqui chegou e que o negro é um ser civilizável. Na obra “Casa Grande e Senzala” (2003), observa-se uma harmonia idealizada por Gilberto Freyre entre brancos e negros, desde sua infância. “Os

---

<sup>2</sup>Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) “Os Africanos no Brasil” obra de (1932).

<sup>3</sup> Gilberto de Mello Freyre (1900-1987) “Casa Grande e Senzala” obra de (1933).

pretos e pardos no Brasil não foram apenas companheiros dos meninos brancos nas aulas das casas-grandes e até nos colégios; houve também meninos brancos que aprenderam a ler com professores negros.” (FREYRE, 2003, p. 503). Gilberto Freyre tratava a Casa-Grande e a Senzala como sendo um ambiente harmonioso entre as “raças” que ali se encontravam. Sobre essa tese vejamos:

O mito de democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a idéia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade. (MUNANGA, 2008, p.77).

Assim, para MUNANGA (2008, p. 76), “a grande contribuição de Freyre é ter mostrado que negros, índios e mestiços tiveram contribuições positivas na cultura brasileira: influenciaram profundamente o estilo de vida da classe senhorial em matéria de comida, indumentária e sexo.”, porém, a democracia racial vista por Gilberto Freyre não passa de uma venda escura nos olhos dos desfavorecidos.

Contrariando a “Democracia Racial” exposta por Gilberto Freyre, encontra-se Florestan Fernandes<sup>4</sup> (1972), segundo o qual não havia harmonia racial, mais sim um grande preconceito contra o negro que foi ainda mais forte com a quebra do regime escravocrata e a chegada do sistema assalariado. Vejamos:

Dessarte, como conclusão geral: a vítima da escravidão foi também pela crise do sistema escravista de produção. A revolução social da ordem social competitiva iniciou-se e concluiu-se como uma *revolução branca*. Em razão disso, a supremacia branca nunca foi ameaçada pelo abolicionismo. Ao contrário, foi apenas reorganizada em outros termos, em que a competição teve uma consequência terrível – a exclusão, parcial ou total, do ex-agente da mão-de-obra escrava e dos libertos do fluxo vital do crescimento econômico e do desenvolvimento social. (FERNANDES, 1972, p. 66)

Dessa forma, Florestan Fernandes (1972), argumentou que nem o Estado e nenhuma outra instituição preparou o negro liberto para o trabalho livre e assim, ele estava em paralelo com o escravo, já que com sua liberdade não conseguiu competir com os estrangeiros, devido sua falta de preparo e pelo salário baixo dos imigrantes. O novo sistema trouxe novas classes, os burgueses e os assalariados. Com a extrema concorrência os negros se viam obrigados a voltar para suas cidades, ou então a se aglomerarem em favelas.

---

<sup>4</sup>Florestan Fernandes (1920-1995) – “O negro no mundo dos brancos” obra de (1972).

Outro crítico da “Democracia Racial” é Hasenbalg<sup>5</sup>, que a pensa de maneira diferente em relação a Florestan Fernandes. “Para Hasenbalg, a raça como traço fenotípico historicamente elaborado, é um dos critérios mais relevantes que regulam os mecanismos de recrutamento para ocupar posições na estrutura de classes e no sistema de estratificação social.” (FARIAS, 2004, p. 13).

Em “Discriminação e desigualdades raciais no Brasil”, Hasenbalg argumenta que uma mistura de repressão, ideologia e um sistema político favorável à classe dominante, inibe a movimentação dos grupos desfavorecidos. Diz ele:

Esta breve incursão na política republicana brasileira permite algumas observações a título de conclusão. Primeiro, um sistema político que combina repressão com relações de autoridade, carregadas de matizes paternalistas, como meio de impedir a articulação de demandas populares constitui um contexto inibidor para a emergência de movimentos sociais – sejam eles de orientação racial ou de classe. Segundo, os camponeses, a classe trabalhadora urbana e o subproletariado foram sujeitos a mecanismos de dominação que incluem controles ideológicos, cooptação social e pura repressão. (HASENBALG, 2005, p. 267)

Segundo Farias (2004), Hasenbalg argumenta que a ideologia branca de democracia racial se dá por pouca movimentação política negra, sendo assim não necessita de os grupos dominantes se mobilizar para impedir um crescimento desses grupos negros. Assim, ele associa o problema racial a pouca mobilidade de políticos negros.

A tese de Hasenbalg aponta para a funcionalidade do elemento raça dentro da ordem competitiva. É do ponto de vista da ação política do movimento negro, e não apenas do desenvolvimento da sociedade capitalista, e do modelo de classes, que os antagonismos e as tensões raciais poderão ser vencidos. (MATOS E TELLA, 2012, p. 42)

Roberto DaMatta,<sup>6</sup> no seu livro “Relativizando”, fala sobre o atraso econômico e social brasileiro dizendo que:

(...) sobre as raças formadoras do Brasil, com todas aquelas indagações já conhecidas desde o tempo da escola primária, mas que misteriosamente persistem no nosso cenário ideológico, perguntas que dizem respeito a uma confirmação científica da preguiça do índio, melancolia do negro e a cupidez e estupidez do branco lusitano, degredado e degradado. Tais seriam ainda hoje os fatores responsáveis, nesta visão tão errônea quanto popular, pelo nosso atraso econômico-social, por nossa indigência cultural e da nossa necessidade de autoritarismo político, fator corretivo básico neste universo social que, entregue a si mesmo, só poderia degenerar-se. (DAMATTA, 1981, p. 59).

<sup>5</sup>Carlos Alfredo Hasenbalg(?-2014) “Discriminação e desigualdades raciais no Brasil” obra de (1979).

<sup>6</sup>Roberto Augusto DaMatta (1936) – “Relativizando: uma introdução à antropologia social” obra de (1981).

Diante disso, DaMatta (1981) faz uma comparação dos três elementos na construção da identidade social no Brasil e nos Estados Unidos.

Naquele país, como tem demonstrado sistematicamente muitos especialistas, não há escalas entre elementos étnicos: ou você é índio ou negro ou não é! O sistema não admite gradações que possam pôr em risco aqueles que têm o pleno direito à igualdade.” (DAMATTA, 1981, p.63).

Dessa forma, diferente do Brasil, nos Estados Unidos não tem espaço para a mestiçagem. Para DaMatta, o que pode ter acontecido no Brasil foi o modo de colonização exploratório e com base na escravidão, fundados num ideal religioso, extraindo nossas riquezas e escravizando índios e negros para a coroa portuguesa.

Não temos companhias particulares explorando a terra com o olho apenas na atividade produtiva e com leis individualizadas, semi-independentes da Coroa, como aconteceu nos Estados Unidos. Mas, ao contrário, era a Coroa portuguesa que, legitimada pela religião, pela política e pelos seus interesses econômicos, explorava soberanamente o nosso território com sua gente, fauna e flora. (DAMATTA, 1981, p. 64)

Em 1986, um antropólogo brasileiro chamado Roque de Barros Laraia<sup>7</sup> escreveu “Cultura: um conceito antropológico”. Nesta obra ele criticou o determinismo biológico e o determinismo geográfico exposto por autores em diferentes épocas. Para ele, esses determinismos não foram capazes de explicar por completos os comportamentos dos povos.

São velhas e persistentes as teorias que atribuem capacidades específicas inatas a "raças" ou a outros grupos humanos. Muita gente ainda acredita que os nórdicos são mais inteligentes do que os negros; que os alemães têm mais habilidade para a mecânica; que os judeus são avarentos e negociantes; que os norte-americanos são empreendedores e interesseiros; que os portugueses são muito trabalhadores e pouco inteligentes; que os japoneses são trabalhadores, traiçoeiros e cruéis; que os ciganos são nômades por instinto, e, finalmente, que os brasileiros herdaram a preguiça dos negros, a imprevidência dos índios e a luxúria dos portugueses.

Os antropólogos estão totalmente convencidos de que as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais. (LARAIA, 2001, p. 17)

Ainda segundo Laraia(2001, p.19-20), o nosso comportamento não é determinado geneticamente, mas sim, “(...) o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação”. Ou seja, em nossa vida passamos por um processo contínuo de aprendizado cultural que vai desde o nascimento até a morte. Pessoas de

---

<sup>7</sup>Roque de Barros Laraia (1932) – “Cultura: um conceito antropológico” obra de (1986)

raça, sexo, classe social, não são modificadas geneticamente ou geograficamente, mas sim por um dos pontos cruciais da vida, que é a educação.

O Preconceito racial é uma prática discriminatória que está presente na história, principalmente com a pessoa negra.

Considera-se como *preconceito racial* uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. (NOGUEIRA, 2006, p. 292)

O preconceito contra o negro também é perceptível quando ao escreverem sobre sua história na cultura Africana, o fazem com um olhar eurocêntrico, negando o real sentido africano. Do contrário deve-se levar em conta o afrocentrismo.

O afrocentrista está preocupado em proteger e defender os valores e elementos culturais africanos como parte do projeto humano. Não se pode assumir uma orientação voltada para a agência africana sem respeitar a dimensão criativa da personalidade africana e dar um lugar a ela. Isso não significa que todas as coisas africanas sejam boas ou úteis, mas que aquilo que os africanos fizeram e fazem representa a criatividade humana. Tudo isso remete ao fato de que muitos intelectuais e escritores do passado desprezaram as criações africanas, fossem elas na música, na dança ou na arte, fossem na ciência, como algo diferente do restante da humanidade. Era uma atitude inegavelmente racista, e qualquer interpretação ou análise de elementos ou contribuições culturais africanos que negue esses elementos é suspeita. (ASANTE, 2009, p. 97-98)

No Brasil, percebesse o preconceito a partir do momento em que povos africanos foram trazidos para serem escravizados. Eram retirados da África de diversas comunidades que falavam dialetos diferentes, para então, na nova terra, não terem como se comunicar e construir uma nova África em outras terras. Assim, tiveram que se adequar aos novos costumes que essa nova vida lhes proporcionou. Apesar das dificuldades, conseguiram se adaptar e comunicar-se entre si.

Encontrando-se dispersos na terra nova, ao lado de outros escravos, seus iguais na cor e na condição servil, mas diferentes na língua, na identificação tribal e freqüentemente hostis pelos referidos conflitos de origem, os negros foram compelidos a incorporar-se passivamente no universo cultural da nova sociedade. Dão, apesar de circunstâncias tão adversas, um passo adiante dos outros povoadores ao aprender o português com que os capatazes lhes gritavam e que, mais tarde, utilizariam para comunicar-se entre si. Acabaram conseguindo aportuguesar o Brasil, além de influenciar de múltiplas maneiras as áreas culturais onde mais se concentraram, que foram o nordeste açucareiro e as zonas de mineração do centro do país. (RIBEIRO, 1995, p.115).

Como salienta Darcy Ribeiro<sup>8</sup> (1995), o negro tanto em sua terra como no Brasil foi tratado como mercadoria. Em sua terra era atraído para armadilhas para ser capturado em troca de pequenas mercadorias, já no Brasil, depois de uma longa e precária viagem, era avaliado a partir de seus dentes.

A contribuição cultural do negro foi pouco relevante na formação daquela protocélula original da cultura brasileira. Aliciado para incrementar a produção açucareira, comporia o contingente fundamental da mão-de-obra. Apesar do seu papel como agente cultural ter sido mais passivo que ativo, o negro teve uma importância crucial, tanto por sua presença como a massa trabalhadora que produziu quase tudo que aqui se fez, como por sua introdução sorrateira mas tenaz e continuada, que remarcou o amálgama racial e cultural brasileiro com suas cores mais fortes. (RIBEIRO, 1995, p. 114)

Com o fim da escravidão o negro se viu forçado a seguir para os grandes centros urbanos em busca de emprego, saindo da condição de trabalho escravo, para a condição de trabalho assalariado. Nos grandes centros, encontram a concorrência dos imigrantes que chegavam de pele branca e tomavam os empregos que seriam destinados aos negros. Não houve um preparo para o negro após o fim da escravidão e os imigrantes tomaram o seu lugar por um salário baixo.

O negro, condicionado culturalmente a poupar sua força de trabalho para não ser levado à morte pelo chicote do capataz, contrastava vivamente como força de trabalho com o seu colono vindo da Europa, já adaptado ao regime salarial e predisposto a esforçar-se ao máximo, para conquistar, ele próprio, um palmo de terra em que pudesse prosperar, livre da exploração dos fazendeiros. (RIBEIRO, 1995, p. 221)

O negro na sociedade brasileira foi uma figura importante para a formação da nação, mas que seu passado reflete a sua condição social no presente. “Desde a colonização, até os dias de hoje, os brancos sempre tiveram melhores recursos de poder e ocuparam os melhores postos no mercado de trabalho.” (MATOS E TELLA, 2012, p. 26). O negro foi retirado de seu país, de sua família e trazido à força pelos brancos para o Brasil em grandes embarcações. Chegando a terras brasileiras misturou-se com os índios que aqui estavam e com os brancos que os escravizaram. Foi transformado em mão-de-obra escrava.

Das três raças que entraram na constituição do Brasil duas pelo menos, os indígenas e africanos, trazem a baila problemas étnicos muito complexos. Se para os brancos ainda há uma certa homogeneidade, que no terreno puramente histórico pode ser dada como completa, o mesmo não ocorre com os demais. Os povos que os colonizadores aqui encontraram, e mais ainda os que foram buscar na África, apresentam entre si tamanha diversidade que exigem discriminação. (JÚNIOR, 1961, p. 79).

---

<sup>8</sup>Darcy Ribeiro (1922-1997) – “O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil” obra de (1995).

Com a Lei Nº 3.353, de 13 de maio de 1888, Art. 1º, “É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil”. Após lutas, veio à libertação dos negros enquanto escravos, porém surgiu um problema. Para onde iriam após essa libertação? Quem iria prepará-los para a vida em liberdade, já que o Estado, a Igreja, entre outras instituições, não se submeteram a isto?

Último país da América a proceder à abolição do ultrapassado sistema escravocrata, o Brasil o faz de maneira a beneficiar mais uma vez a classe dominante, não criando as condições mínimas para que o contingente negro, egresso das senzalas, fosse absorvido pelo mercado de trabalho urbano na nova sociedade brasileira. (BERND, 1988, p. 7).

Com o fim da escravidão, trocou-se o senhor de escravo pelo burguês e o escravo pelo proletariado. Mudou o sistema, porém os problemas enfrentados pelos negros continuaram os mesmos.

(...) A abolição, mesmo tendo havido movimentação dos negros, foi um negócio de brancos. Ela tirou o negro da condição de escravo, mas deixou de lado as propostas de abolicionistas como Patrocínio, Nabuco e Rebouças: distribuição de terras para os ex-escravos, assistência econômica e social, acesso à educação, ampliação do direito à participação política, reformas, enfim, que fizessem do negro um cidadão. (BIBLIOTECA NACIONAL, 1988, p.49)

Sem saber para onde ir, muitos negros se viram forçados a ficar nos engenhos, aos quais eram escravos a trabalharem em troca de migalhas, os que seguiam para as cidades se viram a margem da sociedade, nas rebarbas. “A cor escura da pele se tornou um código visível de classificação social, que historicamente, foi imposto pelo branco colonizador” (MATOS E TELLA, 2012, p. 29). Dessa forma, eles saíram das senzalas e foram para as favelas.

O negro no passado brasileiro era tratado de forma a negá-lo ou não conforme argumenta KabengeleMunanga, em “Rediscutindo a mestiçagem no Brasil Identidade nacional versus identidade negra”.

Ao abordar a questão da mestiçagem do final do século XIX, os pensadores brasileiros se alimentaram, sem dúvida, do referencial teórico desenhado pelos cientistas ocidentais, isto é, europeus e americanos de sua época anterior. A discussão travada por alguns iluministas a respeito do caráter ambivalente da mestiçagem, seja para explicar e confirmar a unidade da espécie humana (Buffon, Diderot), seja para negá-la (Voltaire)... (MUNANGA, 2008, p. 47)

Segundo MATOS e TELLA (2012, p. 40), “As relações étnico-raciais no Brasil estão alicerçadas em dois momentos a crença na superioridade racial, no sentido biológico e o luso

tropicalismo”. Dessa maneira foi tratado o negro no espaço Brasileiro, hora sendo o problema e em alguns momentos tendo sua importância ressaltada.

### 1.1 POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL ATUAL

Muito se tem noticiado pela mídia mundial, e especificamente no Brasil, sobre o preconceito sofrido pelo negro no seu ambiente de trabalho, na escola, no seu viver em sociedade. Preconceito este sofrido por uma população que é maioria no Brasil. Segundo o Censo do IBGE (2010), população residente por raça ou cor, nota-se que: em uma população de 191 milhões de habitantes, 43,1 % da população se declarou parda e 7,6 % se declarou pretos, somados os dois calculam-se 50,7 % da população brasileira, enquanto brancos somam 47,7% , amarelos, indígenas e os sem declaração não chegam a 2%, somados os três. A nível estadual, na Paraíba os números aumentam: 52,7 % pardos e 5,7 % pretos, no total 58,4 % (pardos e pretos); enquanto que brancos são 39,8 %. E, ainda assim, são tão discriminados. Segundo Henriques (2001; p.2), “A intensa desigualdade racial brasileira, associada a formas usualmente sutis de discriminação racial, impede o desenvolvimento das potencialidades e o progresso social da população negra”.

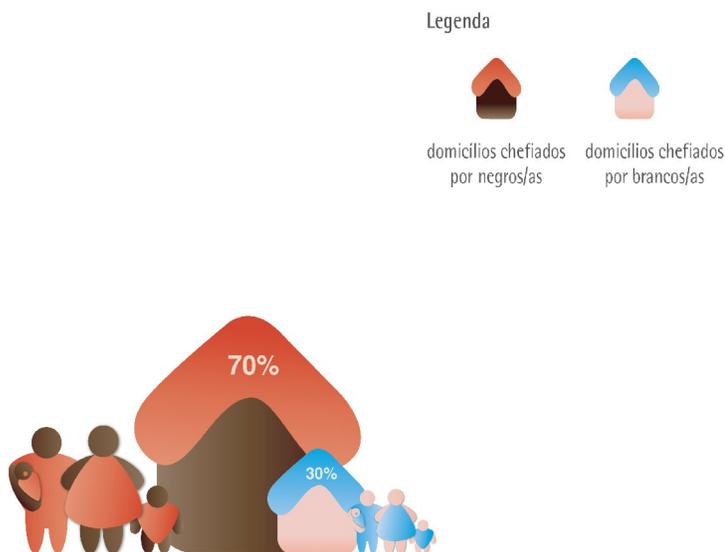
A desigualdade no Brasil é notória quando relacionamos emprego e raça. Segundo dados do Censo (2010), de 61.176.567 pessoas empregadas entrevistadas são brancos, 49,5 %, pretos 8,7 % e pardos 40,3 %. Com carteira de trabalho assinada de 30 107 321, são brancos 52,9 %, pretos 8,5 % e 37,2 % pardos. Sem carteira de trabalho assinada de 17.418.119, são brancos 40,4 %, pretos 9,6 % e pardos 48,4 %. Percebe-se que mesmo somando os números de pretos e pardos em relação à categoria de empregado e com carteira assinada, os brancos levam uma pequena vantagem com relação aos (pretos e pardos). Já quando se fala em emprego sem carteira assinada, os pretos e pardos estão em desvantagem com relação aos brancos, isso demonstra a desvalorização e a desigualdade do trabalho dos pretos e pardos e o acesso maior aos brancos nas melhores condições de trabalho.

Comparamos o rendimento mensal domiciliar (salário mínimo) entre brancos, pretos e pardos. Os que não têm renda, de 7.039.630 entrevistados, brancos com 40,2 %, pretos com 8,3% e pardos com 48,4 %. Com renda de até 1\8 salário mínimo de 9.771.541, brancos 23,8 %, pretos 8,5% e pardos 64,8 %. Comparando até 1 salário mínimo os pretos e pardos ficam a frente, a partir de 1 salário mínimo os brancos ficam a frente dos pretos e pardos. Ganhando mais de 10 salários mínimos, de 2 839 044, branco 82,6 %, pretos 1,8 % e pardos 13,4%.

Assim, pode-se dizer que a discrepância salarial entre brancos e pretos\pardos é notória, tendo em vista que conforme o salário vai melhorando fica também cada vez mais concentrado nas mãos dos brancos e quando o salário é baixo fica com os pretos\pardos.

A intensidade de nossa desigualdade de renda, por sua vez, coloca o Brasil distante de qualquer padrão reconhecível, no cenário mundial, como razoável em termos de justiça distributiva. As origens históricas e institucionais da desigualdade brasileira são múltiplas, mas sua longa estabilidade faz com que o convívio cotidiano com ela passe a ser encarado, pela sociedade, como algo natural. A desigualdade tornada uma experiência natural não se apresenta aos olhos de nossa sociedade como um artifício. No entanto, resulta de um acordo social excludente, que não reconhece a cidadania para todos, onde a cidadania dos incluídos é distinta da dos excluídos e, em decorrência, também são distintos os direitos, as oportunidades e os horizontes. (HENRIQUES, 2011, p.1)

Contudo ao analisarmos quem mais recebe previdência e assistência social, percebemos que os negros (as) levam vantagem com relação aos brancos (as). De acordo com os dados abaixo, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); Retrato das desigualdades de gênero e raça. (Previdência Social Distribuição dos domicílios que recebem Bolsa Família, segundo cor/raça do/da chefe. Brasil 2011).



FONTE: Retrato das desigualdades de gênero e raça / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011.

Portanto os negros (as) com 70% são os que mais recebem ajuda para completar suas rendas, já os brancos (as) ficam com 30%. Pode-se dizer que a causa disso é por receberem os menores salários, por terem menos oportunidades de ascender economicamente.

O passado da pessoa negra foi de negação, de exclusão. De acordo com SKIDMORE<sup>9</sup> (2012, p. 42) “O negro em geral figurava na literatura romântica como o “escravo heroico”, o “escravo sofredor” ou a “bela mulata”. O seu passado refletiu o presente em que ele vive, lutando contra a discriminação, tentando impor-se contra a ideologia branca ou preconceito encoberto, como salienta, Pereira, Torres e Almeida (2003) “Nesse sentido, o racismo expressa-se através das estratégias que os grupos dominantes encontraram para driblar as normas anti-racistas. Trata-se, pois, de discursos ideológicos que justificam a sua situação dominante sem, aparentemente, violar essas normas”. Assim, muitas lutas foram marcadas na história do negro para conseguir o mínimo de afirmação.

Tome-se, por exemplo, o caso da Lei nº 10.639/2003. Essa lei, determinando a inclusão de conteúdos relacionados à Cultura Afro-brasileira e à História da África, não surgiu do bom senso dos governantes. Ela é resultado de mais de um século de lutas – as quais servem para desqualificar os argumentos que definem as populações não-brancas (as negras e indígenas, em especial) como incapazes, ingênuas, isentas de visão política e afeitas à condução, à subordinação e ao controle. (COELHO, 2010, p.27)

O negro sempre foi discriminado, tratado desigualmente com relação à pessoa branca. Conforme argumenta Coelho (2010, p. 26), “enquanto a *miscigenação* e a pluralidade étnica são enaltecidas em admiráveis metáforas e alegorias, a parcela não-branca da população brasileira convive com a discriminação”. Dessa maneira, uma instituição que seria incumbida de ensinar e tornar as pessoas mais iguais, sem distinção de classe, raça e sexo é a escola, um lugar de ensino e aprendizado que deveria contemplar de todas as formas. No entanto, não é o que se observa no Brasil. “(...) durante muito tempo, a escola foi vista como um espaço onde os problemas do restante da sociedade não entrariam. Após muitas pesquisas, denúncias e estudos, hoje sabemos que a escola é a sociedade brasileira.” (BARROS, 2012, p. 52).

Segundo pesquisa da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), do INEP e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, órgãos do Ministério da Educação (MEC), no ano de 2009, a escola é dominada por preconceitos. Os dados foram tirados de 501 escolas com 18.599 estudantes, pais e mães, professores e funcionários da rede pública de todos os Estados do país. Segundo esses dados, 99,3% dos entrevistados têm algum tipo de preconceito e 90,9 % gostariam de manter algum nível de distanciamento social de negros. Do total, 94,2% tem preconceito étnico- racial.

---

<sup>9</sup>Thomas Skidmore (1932) “Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro” obra escrita em (1976).

## 2 ANALISANDO QUESTIONÁRIOS: O PRECONCEITO RACIAL

### 2.1 DOS ALUNOS

Através das respostas do questionário aplicado aos alunos (as), neste tópico será demonstrada a visão deles sobre a existência ou não do preconceito contra o negro dentro da escola e se este tema está sendo discutido adequadamente dentro da escola.

**Quadro I- Série e Número de alunos questionados.**

SÉRIE	1º Ano do Ensino Médio	2º Ano do Ensino Médio	3º Ano do Ensino Médio
Nº ALUNOS	4	3	15

Quadro I Elaboração própria com base no questionário da pesquisa.

De acordo o quadro I nota-se que o questionário foi respondido em sua maioria por alunos do 3º ano do Ensino Médio, contabilizando 15, logo depois com 4do 1º ano do Ensino Médio e por último com 3 o 2º ano do Ensino Médio. Dessa forma, fica claro que o interesse maior em falar sobre o tema está centralizado nos alunos do 3º ano do Ensino Médio. Vale salientar que os questionários foram aplicados aos alunos que se dispuseram a participar da pesquisa por vontade própria.

Foram elaboradas 10 questões para serem respondidas pelos alunos. A primeira perguntou como os alunos se identificam enquanto etnicamente pertencente. As opções foram branco, preto, pardo, indígena e amarelo. Como resultado, 4 alunos se declararam brancos, 2 alunos pretos, 16 alunos pardos e não foi contabilizado indígena e amarelo.

A segunda questão indagou sobre o que eles entendem por preconceito racial. Segundo um dos alunos, “Caracteriza quando um indivíduo fere a honra moral de uma pessoa por essa ter um pigmento negro na pele”. Já uma das alunas afirma “É uma maneira de discriminar as pessoas em motivos raciais, cor da pele, de tal forma que umas se consideram superiores a outros”. Nessa questão todos os alunos responderam e todas as respostas nos levam para a mesma direção, que os alunos entendem preconceito racial, como sendo uma atitude ou ação de um indivíduo ou grupo que discrimina ou desvaloriza a outra por sua cor de pele ou etnia.

A terceira questão indagou sobre quem aluno (a) acha que é mais discriminado na escola; as opções foram o branco, preto, pardo, indígena, amarelo ou nenhum. As respostas no gráfico abaixo.

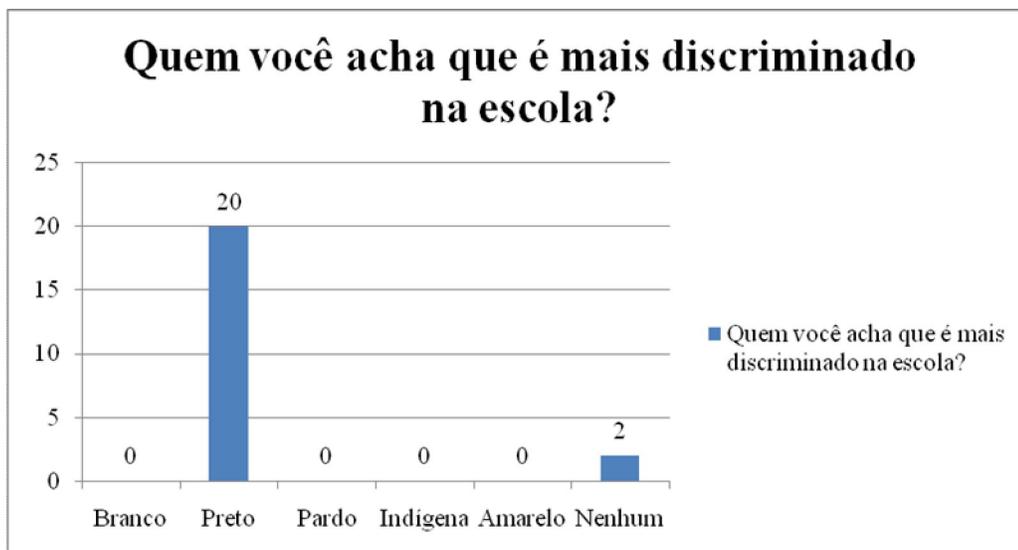


Gráfico I Elaboração própria com base no questionário da pesquisa.

Como podemos perceber no gráfico acima, 20 alunos afirmaram que o preto é mais discriminado e apenas 2 alunos afirmaram que nenhum é discriminado. O pardo, indígena e o amarelo não foram citados.

Percebe-se que a maioria dos alunos se declarou negro. De acordo com O Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, Art. 1º “população negra: o conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga”

A quarta questão perguntou se existe alguém na escola que discrimina pela cor da pele e as opções foram “sim” e “não”.

SIM	NÃO
21	1

Quadro II laboração própria com base no questionário da pesquisa.

De acordo com a tabela, nota-se que 21 alunos responderam que existem pessoas que discriminam pela cor da pele na escola e apenas 1 aluno afirmou que não. Importante salientar que na questão anterior 2 alunos afirmaram que ninguém era discriminado na escola, já nessa questão percebe-se que apenas 1 aluno afirmou que ninguém discrimina pela cor da pele. Sendo assim, um aluno entrou em contradição.

A questão cinco perguntou se a inteligência humana tem alguma ligação com as questões étnicas raciais. Nesse quesito, 17 alunos responderam que não, 3 que sim e 2 alunos não opinaram. Embora a questão não tenha pedido justificativa, grande parte dos que responderam não, afirmaram que a inteligência independente de cor, raça e etnia, qualquer pessoa pode desenvolver sua intelectualidade.

A sexta questão foi se já tinham presenciado algum tipo de preconceito contra o negro na escola e se sim, como foi e qual foi a reação.

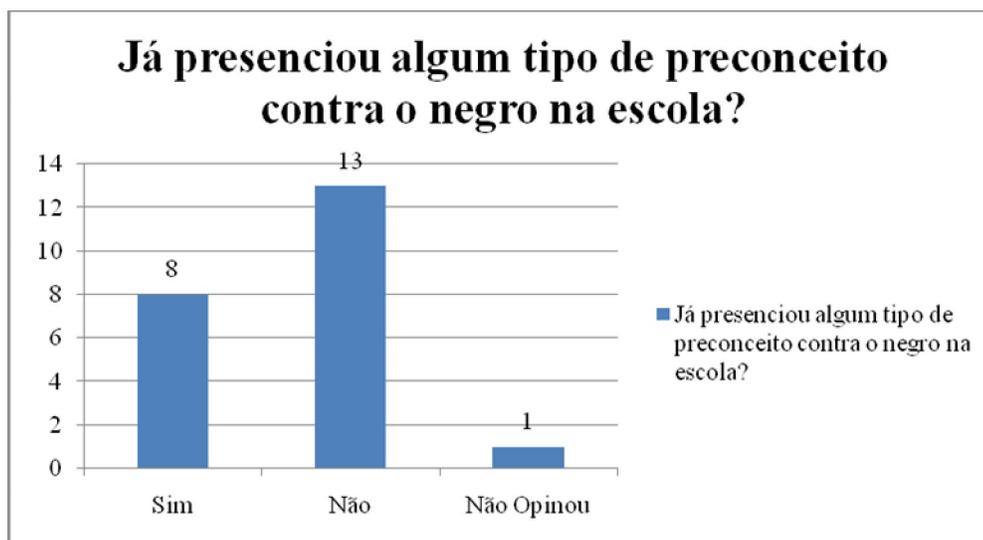


Gráfico II Elaboração própria com base no questionário da pesquisa.

De acordo com o gráfico acima, vemos que precisamente 13 alunos responderam que nunca presenciaram nenhum tipo de preconceito contra o negro na escola, porém, 8 alunos, (um número expressivo) afirmam já ter presenciado tal preconceito e apenas 1 não opinou a questão. Entre os alunos que responderam sim, 7 afirmaram que não fizeram nada e que apenas ficaram indignados, mas um deles afirmou ter avisado a direção sobre o ocorrido e que segundo o aluno não foi tomada nenhuma providência.

Analisando a questão percebe-se que parte dos alunos (13) respondeu que nunca presenciou algum tipo de preconceito contra a pessoa negra. Muitas vezes o preconceito está em frente aos olhos do aluno e ele não sabe. Não é tão perceptível, conforme salienta Pereira, Torres e Almeida;

(...) Vários estudos também têm verificado a existência de dois tipos de preconceito: o clássico, caracterizado pela expressão de atitudes e comportamentos hostis em relação a um grupo alvo e o novo, em que sua expressão apresenta-se de forma menos aberta e mais encoberta. (PEREIRA, TORRES, ALMEIDA, 2003, p. 95).

Já os alunos que presenciaram (08) preferiram silenciar no sentido de tomar alguma atitude, principalmente procurando a direção da escola. De acordo com Verçosa (2012; p. 32), “A minimização das consequências do preconceito racial ou da discriminação ocorre entre alunos e professores, e muitas vezes os atos são entendidos como algo natural ou sem importância”. Desse modo, embora tenham ficado indignados, nada fizeram, com exceção de um aluno que afirmou ter avisado a gestão escolar para que fosse tomado uma atitude. No entanto, segundo o aluno nada foi feito.

A sétima pergunta foi se a escola trata da questão étnica racial e, se sim, de que maneira. Nessa questão, as opiniões ficaram bastante divididas: 10 alunos responderam que trabalham muito a questão racial em sala de aula ou em algumas palestras. Já 8 alunos afirmaram não ser discutido esse tema na escola ou não se lembram e 4 alunos afirmaram ser trabalhado mais nas datas comemorativas, como exemplo o “Dia da Consciência Negra em 20 de novembro.

Com relação ao tratamento do tema étnico racial na escola, o que as respostas dos alunos nos deixam entender é que esse tema vem sendo discutido em disciplinas em momentos pontuais, ou seja, em uma aula ou em uma data comemorativa, já que os mesmos afirmam que apenas as disciplinas de História e Sociologia tratam da questão racial em sala e que é mais discutido no dia da consciência negra.

A educação escolar deve sempre estar profundamente envolvida no processo de combate ao preconceito racial contra o negro.

Então, para que esse compromisso se efetive é fundamental que, trabalhando com a realidade, num diálogo permanente, numa situação de aprendizagem contextualizada, usando procedimentos adequados, o aluno se descubra membro atuante dessa sociedade, na qual pode e deve ser capaz de interagir e promover modificações que conduzam a um clima de verdadeira cidadania e democracia. (LOPES; 2005; p. 187)

Sendo assim, gestores, professores, alunos, ou seja, todos que compõem o corpo escolar devem levar consigo na consciência o papel fundamental que todos têm na educação e no enfrentamento ao preconceito racial especificamente contra o negro.

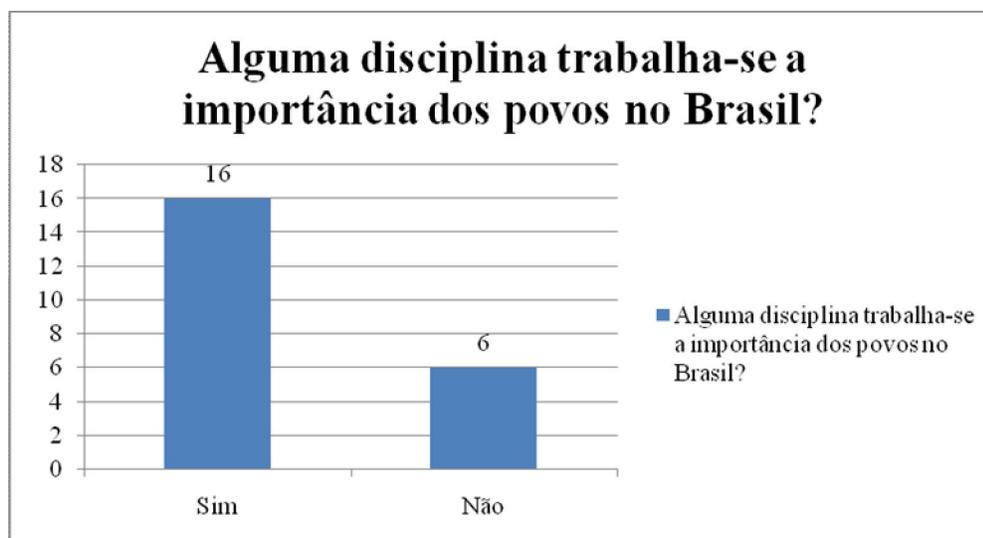


Gráfico III Elaboração própria com base no questionário da pesquisa.

De acordo com o gráfico acima, elaborado com base na questão oito, percebe-se que 16 alunos afirmam que em alguma disciplina trabalha-se a importância das raças no Brasil e apenas 6 afirmaram que nenhuma disciplina discute a questão. Os alunos que responderam sim, citaram as disciplinas de História e Sociologia como sendo as que trabalham a questão.

A questão nove foi sobre se havia algum evento na escola que trabalha a questão racial. Nessa pergunta 12 alunos responderam que tem algum evento que trata a questão racial e 10 alunos afirmaram que não. Os que afirmaram ter evento citaram o “Dia da Consciência Negra”, como a data que eles trabalham sobre a temática racial, com exposições de cartazes, palestras e discussões em sala. Percebe-se que alguns alunos entraram em contradição, pois na questão 7, apenas quatro alunos citaram o dia da consciência negra como sendo o dia que se debate mais o tema racial, já nessa questão 12 afirmaram que nesse dia se discute a questão racial.

Percebesse que os alunos têm noção do que seja preconceito racial, e sendo assim eles afirmam convictamente que essa prática é existente dentro da escola, e que de acordo com suas respostas a escola tem tratado do tema, porém não é dada a relevância necessária que o tema exige, visando construir uma escola livre de preconceito.

A décima e última questão foi sobre a opinião dos alunos sobre o que a escola poderia fazer para combater o preconceito contra o negro. Nessa questão, várias foram as respostas. As mais citadas foram as que disseram que a escola deveria trabalhar mais palestras e eventos sobre o negro. Um aluno não opinou e outro afirmou não saber o que a escola poderia fazer. Destacamos ainda, duas das respostas, uma que afirma que deveria se trabalhar a questão racial com mais seriedade e a outra que deveria se trabalhar o ano todo.

As respostas dos alunos nos levam a notar diversos pontos importantes. O primeiro é que eles detêm certo entendimento quando se discute preconceito racial, sempre associando a desvalorização pela cor da pele. Segundo, que as respostas dos alunos nos apontam a uma certeza de que o preconceito contra o negro existe dentro da escola e é inegável.

## 2.2 DO PORTEIRO

Aqui pretende-se expor as respostas do porteiro a respeito do preconceito racial contra o negro na escola, seu ponto de vista se existe esse preconceito e se a escola tem tratado adequadamente esse tema.

A primeira questão indagou sobre como ele se identificava etnicamente e as opções foram branco, preto, pardo, indígena e amarelo. Nessa questão, o porteiro ficou em dúvida entre branco e pardo, porém preferiu colocar branco. A questão dois tratou do que ele entende por preconceito racial. Neste quesito, segundo ele, é um desrespeito com a raça, principalmente a negra e que, independente de cor, todos têm que se respeitar.

A terceira questão foi se para ele alguém sofre preconceito racial na escola e se sim, quem sofre. A resposta foi não, que ninguém sofre preconceito na escola. A quarta questão, perguntou se ele já presenciou algum insulto racista dentro da escola e, se sim, qual foi a reação. Segundo o porteiro, nunca presenciou algum insulto racista, apenas brincadeiras entre alunos de um colocar apelidos no outro do tipo “negrinho”, “negão”, “pretinho”, entre outros, mas que não passa disso e todos levam na brincadeira no final.

A quinta questão foi se ele já presenciou algum apelido racista entre alunos e as opções foram “sim” e “não”. Nessa questão, por considerar apelidos que os alunos colocam entre si como brincadeira, a resposta foi não. A sexta pergunta indagou se já havia presenciado algum evento na escola que tratou da questão racial. Segundo o porteiro, já presenciou evento, no qual discutiu-se a questão do preconceito contra o negro.

A última questão indagou, na opinião dele, o que a escola deve fazer para combater o preconceito racial. Como resposta ele sugeriu palestras, eventos e a tentativa de orientar os alunos sobre esta questão. Mas que sejam orientados por pessoas que realmente entendam e que estejam preparados para expor o assunto para todos os que estiverem presentes.

O porteiro nos deixa claro que entende o preconceito racial como uma falta de respeito para com a raça discriminada, no caso mais comum com a negra.

Assim como as respostas dos alunos (as), as do porteiro nos levam a uma certeza que o preconceito contra o negro é existente dentro da escola e ele demonstra isso sem perceber em suas respostas. Assim como acontece em muitas escolas e em muitos outros ambientes sociais, as “brincadeiras” com apelidos de cunho racistas acontecem corriqueiramente e aqueles que não são preparados ou não tenham o mínimo de instrução para lidar com essa situação, entendem essas “brincadeiras” como normais e que pensam acabar tudo bem, o que, na verdade, pode não acabar tão bem para quem é discriminado, perpetuando assim o preconceito. De acordo com André:

Piadas e apelidos racistas são vistos simplesmente como “brincadeiras”. Alguns apelidos até são considerados forma “carinhosa” de tratamento como “neguinho, pretinha, negão, carvãozinho, moreninha”, além das expressões usadas sem se levar em conta seu conteúdo discriminatório como: “amanhã é dia de branco, a coisa tá preta, humor negro, preto de alma branca”, que só reforçam o preconceito. (ANDRÉ, 2011, p. 34)

De acordo com o porteiro, já houve alguns eventos na escola que tratou da questão racial e que, para ele, é através destes eventos que a escola pode orientar os alunos no sentido de que o preconceito contra qualquer pessoa não é legal. Um ponto importante tocado pelo porteiro é que o tema racial deve ser tratado por pessoas realmente entendidas do assunto. Dessa forma, não seria qualquer pessoa que conseguiria discutir adequadamente e com a seriedade necessária que o tema exige.

Embora o porteiro, tente silenciar o preconceito racial contra o negro dentro da escola, por algum motivo, ou pensar que poderia se prejudicar, suas respostas deixam a entender que o preconceito existe dentro da escola e que podemos percebê-lo nas “brincadeiras” entre alunos, embora ele não ache essa atitude preconceituosa. Com relação ao tratamento do tema racial, ao ser perguntado se já havia presenciado algum evento na escola, a afirmativa nos leva a crer que há eventos na escola que discutam a questão racial, o problema fica a cabo de saber quem está discutindo o tema e se realmente entendem. Diferente dos alunos o dia 20 de novembro “Dia da Consciência Negra”, não foi citado pelo porteiro.

### 2.3 PROFESSORES DE SOCIOLOGIA

Este tópico mostrará a visão dos professores de Sociologia a respeito do preconceito contra o negro na escola, se existe ou não e se está sendo trabalhado adequadamente na

escola. Cabe também ressaltar que ao longo desse texto o professor terá como nome fictício José<sup>10</sup> e a professora Maria<sup>11</sup>.

A primeira questão indagou sobre como eles se identificam e as opções foram branco, preto, pardo, indígena ou amarelo. Tanto José como Maria afirmaram que se identificam etnicamente como brancos.

A segunda questão perguntou o que eles entendem por preconceito racial. Segundo o José:

Preconceito racial, ou racismo, é uma prática discriminatória baseada em aspectos biológicos inerentes à cor e raça de alguns indivíduos, classificando-os inferiores ou superiores, seja em atividades cognitivas ou laborais, causando assim, um hibridismo entre os indivíduos que trazem consigo uma carga hereditária biológica. (JOSÉ)

Já Maria afirma que:

Considero como sendo uma atitude, ideia, pensamento ou opinião desfavorável que um indivíduo ou grupo demonstram de maneira categórica com relação a outros indivíduos ou grupos tendo como referência a etnia. Para tanto, as pessoas são julgadas partindo de um estereótipo preconcebido. (MARIA)

Na questão três foi perguntada qual a opinião desses docentes sobre a mestiçagem no Brasil. Segundo José, a mestiçagem é a maior característica do povo brasileiro e, sendo assim, é impossível pensar em uma raça pura ariana, pois o povo brasileiro é misturado ou miscigenado com características dos três elementos o índio, o negro e o branco.

Com ideias parecidas Maria discorre:

É impossível pensarmos na construção da nação brasileira sem nos remetermos ao seu processo de mestiçagem. Porém, essa característica por muito tempo foi considerada como um elemento negativo, devido a sua formação racial. Nesse sentido, podemos remeter os diversos processos discriminatórios que eclodiram a partir desse contexto. No entanto, houve uma mudança sobre a concepção da mestiçagem no Brasil, a partir das concepções e obras de Gilberto Freyre. Para tanto, houve uma verdadeira revolução a respeito da concepção de mestiçagem, esta passou a ser considerada uma característica positiva, assim como o próprio mestiço e a civilização que resultaria dessa mistura de “raças”. (MARIA)

---

<sup>10</sup>JOSÉ tem 28 anos, é formado em Licenciatura em Ciências Sociais. Tem um curso de Filosofia incompleto.

<sup>11</sup>MARIA tem 28 anos, é formada em Licenciatura em Ciências Sociais. Tem um curso de Relações Etnicoraciais.

A questão quatro perguntou se é possível falar de uma “democracia racial” no Brasil. Segundo José não é possível que exista uma democracia racial no Brasil. De acordo como mesmo:

Em primeiro lugar, quando retalhamos a palavra democracia para atender fins, como, por exemplo, “Democracia racial”, “Democracia da mulher”, “Democracia no trabalho” e etc. Desvirtuamos o ideal de Democracia grego que seria o de atender ao povo e não as suas peculiaridades. Com relação à Democracia racial no Brasil, percebemos ainda uma visão conservadora que não acompanhou o nosso progresso histórico e ainda estamos atrelados a idéia de Casa Grande e Senzala, que por esse motivo de contraste social nos dias que vivemos procura burlar tal realidade recorrendo a programas nacionais como as cotas para povos afro-ameríndios. A meu ver, esses problemas hereditários das nossas antigas gerações requerem soluções contemporâneas e não recompensa as raças desfavorecidas em nosso itinerário histórico de colonização. (JOSÉ)

No princípio da questão Maria deixa perceptível não ser possível uma “Democracia racial” no Brasil ao afirmar que:

É notório que o Brasil é um país racista, nossa história é marcada pela desigualdade e discriminação para com os grupos minoritários, assim como por contradições e violência. Entretanto, em sua grande maioria as políticas públicas continuam permitindo um quadro social que favorece uma população de elite e branca, ou, pelo menos, de pessoas que se identificam com isso. Diariamente vemos em noticiários e outras mídias que os negros ainda sofrem com ataques racistas, sendo esta uma prática presente em nossa sociedade há gerações. Neste sentido, sabemos que a estigmatização é uma arma muito poderosa, pois fortalece o preconceito, assim como práticas discriminatórias. Já passou do momento de acontecer, no mínimo, uma reparação integral. (MARIA)

Na questão cinco foi perguntado como é o relacionamento, em sala de aula entre os alunos de grupos étnicos raciais distintos. Segundo José;

Em minhas aulas nunca presenciei algum tipo de preconceito entre grupos étnicos raciais. Em contra partida é mais claro o preconceito entre alunos que moram em bairros mais desfavorecidos e a pessoas quanto à orientação sexual. (JOSÉ)

Indo na mesma linha de José, Maria afirma que há boa interação entre os alunos e a segregação fica por conta da desigualdade de classe.

Nessa questão, tanto Maria como José, ao afirmarem ser mais perceptível o preconceito de classe social, na escola, ao associar esta fala com os dados apresentados no primeiro capítulo, percebemos que os negros (no caso preto e pardo) são os desfavorecidos seja em questão de mercado de trabalho, moradia, economicamente entre outros. Dessa forma além da questão de classe social, também é um problema racial de preconceito.

A sexta questão perguntou se o professor (a) já tinha presenciado algum tipo de preconceito contra o negro em sua aula ou na escola e, se sim, qual foi a reação dele. Sucintamente a resposta de José foi que nunca presenciou.

Já Maria afirmou convictamente que:

Infelizmente, ainda presenciamos muitos casos de práticas racistas na escola. Acredito que seja mais freqüente no ensino fundamental, pois as crianças ainda não possuem uma opinião própria formada a cerca de determinada questão. Sendo em muitos casos influencia de idéias racistas ou ainda de comportamentos vistos e vivenciados em seu meio social. Certa vez, presenciei um grupo de alunos fazendo xingamentos e colocando apelidos de cunho racista em um aluno do 1º ano - Médio, e quando questionei, o grupo justificou que era apenas "*brincadeira*". Então solicitei que parassem, mesmo sendo considerado por eles apenas uma "*brincadeira*". Chamei atenção para o fato deles reconhecerem que os apelidos de teor racista, mesmo que aceitos pelos indivíduo causam sequelas identitárias. Portanto, considero que nós enquanto educadores devemos orientar nossos alunos para o fato de que, somos todos iguais. Salientar para o fato de que, crianças que sofrem rejeição por parte dos colegas tendem a serem traumatizadas. Devemos pensar em ações pedagógicas, que contemplem as relações entre todos os alunos, brancos e negros, no ambiente escolar. De fato, isto acontece não apenas na sala de aula, muitas vezes presenciamos tais ações fora da escola e precisamos combatê-las. (MARIA)

A sétima questão perguntou se os docentes tratam a questão racial na sua disciplina e, se sim, de que forma é trabalhada. De acordo com as palavras de José:

Trabalho sim a questão racial por ser um tema relevante para as Ciências Sociais busca sempre tratar desse tema, sobre tudo na semana da consciência negra que é o momento em que a instituição usa para abordar o tema de modo mais abrangente. (JOSÉ)

Maria afirmar que sim. Completa dizendo que:

Ao abordar conteúdos como etnocentrismo, as desigualdades sociais, desigualdade de raça e etnia, religião. E até mesmo ao debater questões sobre preconceito e discriminação. Aborda com freqüência, pois o cotidiano apresenta várias dessas questões, de modo que sempre nos reportamos as nossas vivências em grupo como referência para o que vemos na teoria. (MARIA)

Na oitava questão a pergunta foi em sua opinião a escola como um todo trata adequadamente o tema étnico racial, se sim de que modo é discutido. Segundo José:

A nossa sociedade traz muitos problemas para serem discutidos na escola e entre eles o étnico racial tem seu destaque e é discutido sim de forma adequada, a escola ainda oferece um projeto que contempla o dia 20 de novembro (Dia da Consciência Negra), como um dia de reflexão para esse tema. (JOSÉ)

Maria se mostrou contrária, segundo ela:

Ainda não. Apesar de discutirmos sobre, propor ações e atividades que apresente reflexões sobre o tema étnico racial, isso geralmente ocorre em momentos de culminância de atividades. Mesmo os professores enfatizando a questão étnico racial em suas aulas, percebo que isso ocorre de forma isolada, geralmente mais enfatizado pelas disciplinas de Geografia, História e Sociologia.

A nona e última questão perguntou ao professor (a) se conhece a lei 10 639/03, se sim qual a relevância dela. José respondeu que conhece:

É a lei que torna o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira obrigatório. Tenho a ideia de que a educação é o fio condutor do progresso da nossa história, com isso, encaro como importante e necessário o melhor entendimento do processo histórico de tais grupos étnicos raciais, hipoteticamente a solução contemporânea para o problema do preconceito racial esteja nessa lei que faz-se conhecedor o alunado do processo contextual de nossa sociedade. (JOSÉ)

Maria afirma que, também conhece a lei, segundo ela:

Tive a oportunidade de fazer um curso sobre relações etnicorraciais, no intuito de aprofundar mais o meu conhecimento sobre tal questão. Sabemos que a escola é o lugar de construção do conhecimento, mas também, de formação da identidade do indivíduo e de seus valores que são moldados com base na sociedade em que vive. Para tanto, a implementação dessa lei, busca efetivar a contribuição das diversas culturas que constituíram a nossa civilização, buscando assim a construção de uma sociedade mais igualitária. (MARIA)

Tais respostas nos levam a perceber algumas opiniões parecidas e outras que divergem. Os mesmos têm opiniões parecidas quando falamos do preconceito racial em sua conceituação ou quando perguntado se já presenciaram algum preconceito contra o negro em suas aulas. Eles afirmam, ainda, nunca terem presenciado e ainda concluem categoricamente, que o preconceito é mais acentuado na questão de classe social.

Quando questionados se já presenciaram alguma ação preconceituosa contra o negro na escola, José afirma que nunca presenciou. Já Maria, contrariamente, prefere afirmar que sim e que sua atitude foi de reprimir e explicar aos alunos que aquela atitude não é correta, chamando a atenção deles e afirma convictamente que esse tipo de preconceito é mais notável no Ensino Fundamental, lugar onde as “brincadeiras” são mais acentuadas e, assim, saindo piadinhas de cunho preconceituoso. Desse modo, ela afirma a existência do preconceito dentro da instituição.

Ambos afirmam trabalhar a questão étnica-racial em sala de aula. José diz trabalhar o conteúdo por ser um tema relevante nas Ciências Sociais e trabalha com mais profundidade

no dia 20 de novembro “Dia da Consciência Negra”. Já Maria afirma trabalhar o tema em diversos modos encaixando em outros temas e procurando sempre trazer à tona a questão. Enquanto isso, José trabalha em algumas aulas, mas prefere focar numa data comemorativa. De certo modo, a resposta de José nos leva a compreender que as afirmativas dos alunos são verdadeiras quando dizem que a questão racial é mais discutida na data em que se comemora o dia da consciência negra.

Quando perguntados se a escola como um todo trata da questão racial, José prefere afirmar que diante de tantos temas importantes o racial tem seu espaço e é discutido adequadamente na escola. Já Maria diz que o tema, infelizmente, não é bem discutido na escola como um todo. Mas sim fatiado e, geralmente, é mais trabalhado nas disciplinas de Geografia, História e Sociologia. Tendo aqui uma proximidade com as respostas dos alunos, quando afirmam ser discutida a questão étnica racial nas disciplinas de História e Sociologia.

Percebe-se que os professores de Sociologia têm opiniões diferentes. Enquanto um silencia e trata a questão racial de modo natural, deixando transparecer ser um tema não tão relevante e que dentro de sua relevância é tratado adequadamente. O outro, embora em certos momentos tente maquiagem o preconceito como sendo mais visível na questão de classe, mesmo assim denuncia e trata o tema com grande importância dentro de suas aulas.

Sabemos que a escola tem uma grade curricular que contempla temas e que cada um tem sua importância. No entanto, o preconceito racial ou racismo deve ser tratado com delicadeza, se realmente queremos acabar com ele.

O combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação, em nível escolar, deve tomar as mais diferentes formas de valorização da pessoa humana, povos e nações, valorização que se alcança quando descobrimos que as pessoas, mesmo com suas dessemelhanças, ainda são iguais entre si e iguais a nós, com direito de acesso aos bens e serviços de que a sociedade dispõe, de usufruí-los, criar outros, bem como de exercer seus deveres em benefício próprio e dos demais. (LOPES; 2005; P. 187).

Dessa forma, não é debatendo em um dia exato que se proporcionará aos alunos uma opinião, ou mudarem as que têm, e começarem a identificar tal preconceito dentro da escola e na sociedade. Assim, o preconceito racial deve ser tratado com delicadeza e, além da discussão em sala de aula, no decorrer do dia pequenas ações na escola fazem a diferença.

Dessa forma, pensamos conforme afirma Gomes (2005; p.147):

Para que a escola consiga avançar na relação entre saberes escolares/realidade social/diversidade étnico-cultural é preciso que os(as) educadores(as) compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura, as relações raciais, entre outras. E

trabalhar com essas dimensões não significa transformá-las em conteúdos escolares ou temas transversais, mas ter a sensibilidade para perceber como esses processos constituintes da nossa formação humana se manifestam na nossa vida e no próprio cotidiano escolar. Dessa maneira, poderemos construir coletivamente novas formas de convivência e de respeito entre professores, alunos e comunidade. É preciso que a escola se conscientize cada vez mais de que ela existe para atender a sociedade na qual está inserida e não aos órgãos governamentais ou aos desejos dos educadores.

Dessa maneira, a escola em si e os professores bem preparados têm papel fundamental no combate a este ato preconceituoso, que persegue a pessoa negra.

#### 2.4 DA GESTORA ESCOLAR

Aqui pretende-se saber a visão da gestora escolar a respeito do preconceito racial contra o negro dentro da escola e saber também, se nesse espaço está se tratando adequadamente o tema. Para obter essas respostas foi aplicado um questionário de nove questões, dentre as quais, apenas a primeira é de múltipla escolha e as demais são abertas.

A primeira questão foi indagada como ela se declara: branco, preto, pardo, indígena ou amarelo. A mesma respondeu branco. A segunda questão indagou sobre o que ela entendia por preconceito racial. Em breves palavras a resposta foi: “rejeição a uma cor de pele, culturas ou costumes de um povo”. A terceira questão perguntou se existe preconceito contra o negro dentro da escola e, a mesma afirmou que existe.

A quarta questão perguntou se tinha algum caso registrado e, se sim, qual foi à reação da direção. Nessa questão a gestora associou o preconceito racial contra o negro ao bullying<sup>12</sup> e disse que a atitude da direção foi chamar as partes envolvidas para uma conversa, explicando que preconceito é crime. Quando a conversa não resolve, segundo ela, tomam atitudes mais drásticas, como chamar os responsáveis e, em última instancia suspender o aluno. Ação essa que a mesma afirma não ser legal, pois lugar de adolescente é na escola.

A quinta questão perguntou qual é a participação dos alunos negros na escola e se existe diferença de rendimento entre alunos brancos e negros. A gestora afirmou dizendo que a participação dos negros é normal e que não é a cor da pele que mede rendimento ou conhecimento escolar.

A sexta questão perguntou se a escola trata da questão racial e, se sim de que forma é debatido. Segundo a gestora, a escola trata da questão em pauta, através de palestras,

---

<sup>12</sup>BULLYIN palavra do inglês que significa forma de violência que, sendo verbal ou física, acontece de modo repetitivo e persistente, sendo direcionada contra um ou mais colegas, caracterizando-se por atingir os mais fracos de modo a intimidar, humilhar ou maltratar àqueles que são alvos dessas agressões.

simpósios e projetos. A sétima pergunta indagou sobre o que fazer para erradicar a discriminação racial na escola. A gestora respondeu ser possível através de projetos.

A oitava questão perguntou se a escola tem alguma ação nesse sentido de erradicar a discriminação racial. A resposta foi que sim: “trabalhamos projetos e incluímos na grade curricular temas sobre etnias raciais”.

E, por último, a nona questão que pergunta sobre o que se deve fazer para construir uma sociedade mais igualitária. Segundo a gestora, “acabar com qualquer tipo de preconceito, pois todos têm valor, seja um gari ou um juiz, devemos nos unir para sermos um coletivo, assim seremos uma sociedade mais igualitária”.

Cabe aqui observarmos que as questões respondidas pela gestora escolar nos leva a uma certeza, que na visão da mesma o preconceito racial contra o negro dentro da escola existe e é inegável, o que nos leva a perceber ser muito forte entre os alunos. Assim como os alunos e um dos professores, a gestora prefere afirmar a existência do preconceito.

Quando questionada a respeito das ações da escola no combate ao preconceito contra o negro, diferente dos professores de Sociologia que afirmaram trabalhar em suas aulas, a gestora afirma que, além de ser incluso na grade curricular a questão étnica racial, trabalham muito projetos, seminários e simpósios.

Sobre a questão étnica racial, é de tamanha importância a preparação dos professores para que eles tratem do tema adequadamente para que não caiam na vala comum, levando a uma visão eurocentrica do negro.

(...) É fundamental que os educandos sejam orientados em seu processo de aprendizagem por professores qualificados, com formação para lidarem com as tensas relações produzidas pelo racismo e preconceito, que sejam sensíveis e capazes de conduzir a reeducação nas relações ético-raciais. E isso, requer estratégias pedagógicas, mudança nos discursos, posturas, formas de tratar as pessoas, reconhecimento dos processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, desconstrução do mito da democracia racial e envolvimento de todos na construção de um projeto de escola, de educação voltada para um trabalho coletivo de articulação entre os processos educativos escolares, políticas públicas e movimentos sociais. (ZEBRAL; 2012; p.13).

As respostas da gestora escolar em alguns momentos não condizem com as dos professores de Sociologia, porteiro e com a dos alunos. Os alunos nos deixam entender que existe o preconceito dentro da escola já o porteiro convictamente prefere silenciar sobre o preconceito. Razões para isso possam haver algumas como, por exemplo, não entender

adequadamente sobre a questão ou então prefere ficar em silêncio por medo de se prejudicar, assim, não se sabe ao certo. Já os professores em alguns pontos afirmam haver esse preconceito e depois amenizam. As razões para isto possa ser o impacto que essa questão pode dar em seu emprego afirmando ou não, também não se sabe ao certo.

Assim, a visão da gestora, no tocante preconceito contra o negro na escola, é um tanto ativa, partindo do princípio da afirmativa da existência dessa prática dentro da escola na qual ela atua, tendo em vista, que muitos preferem silenciar, ao contrário ela afirma a existência. E também, boas ações segundo suas concepções estão sendo tomado para tratar do tema, visando minimizar, ou mais animador, erradicar essa prática presente na sociedade e assim na escola.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O negro, sempre discriminado e tratado como inferior, é o que mais faz pelo Brasil. Embora muitos acreditem que o Brasil seja um país livre de preconceito, principalmente com as pessoas negras e que essas estejam ainda sob a perspectiva da “Democracia Racial”, essa visão ingênua cai por terra a partir do momento em que diversos casos de preconceito são noticiados pela mídia, nos diversos segmentos sociais e também quando é preciso criar uma lei, para que nas instituições de ensino possam ensinar a história e as contribuições do povo negro.

O surgimento dessa lei 10 639/03 que foi alterada para 11.645/08, que obriga o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, é um passo importante para o combate ao preconceito racial ou racismo, nas instituições escolares e, sendo assim, porque não na sociedade. É também fruto da luta desse povo, que perpassa de geração em geração e ainda necessita de pressão para a aplicação e funcionamento dela para que não seja apenas mais outra lei.

Partindo dessa lei, cabe também pensarmos o quão preconceituoso é o nosso país, partindo do princípio de ser obrigado a criá-la para que se estude sobre o povo que mais devemos enquanto brasileiros.

A escola é uma das instituições incumbidas de ensinar e tornar seus alunos cidadãos, livres de preconceito, dando respostas às necessidades da comunidade que a rodeia. Embora muitos esforços sejam feitos, infelizmente ainda recai sobre ela um ensino que não se preocupa adequadamente com a questão racial e isso fica bem claro nas inúmeras pesquisas e estudos publicados sobre a escola.

Dentro desse diálogo, a pesquisa realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Professor José Gonçalves de Queiroz”, nos leva à algumas conclusões. As concepções dos atores escolares nos deixa entender que há preconceito racial contra o negro dentro da instituição e que esta prática, explicitamente, é frequente entre os alunos.

Embora note-se uma visão um tanto construtiva, quando se discute a questão étnica racial na sala por parte de um dos professores, aquela ideia de se discutir no dia 20 de novembro (Dia da Consciência Negra), ainda é muito presente na prática dessa escola, deixando a entender que ao aprofundar esse tema em apenas um dia, será o bastante no tratamento da questão racial. Uma visão um tanto errônea.

O tratamento adequado da questão racial na escola, engloba diversos fatores. Se pensarmos uma educação livre de preconceitos, que vai desde uma boa preparação dos

professores para discutir o tema, até boas políticas educacionais, entre tantos outros fatores. Também é necessário o envolvimento de todos aqueles que compõem o mundo escolar.

Destaca-se também, o silêncio por parte dos alunos quando presenciavam alguma atitude preconceituosa contra o negro na escola. A indignação aqui é momentânea, rapidamente passa e continuam como se nada tivesse acontecido. Não sabendo que quem sofre esse tipo de preconceito pode ficar com sequelas para toda a vida.

Embora essa pesquisa não tenha sido aprofundada e atingida um número elevado de alunos e funcionários, consideramos como suficiente para atingir os objetivos e dizer que, segundo as visões dos atores escolares, o preconceito contra o negro dentro da escola existe. Embora boas ações isoladas tenham sido feitas no debate da questão, ainda não é o suficiente para pensarmos uma escola livre desse preconceito. Necessita-se, ainda, de uma preparação dos professores para tratar do tema, embora seja mais presente na área de humanas. Isso não quer dizer que as exatas não possam tocar diretamente ou indiretamente na questão. Sendo assim, a escola tendo função de combater esse preconceito, ainda necessita de repensar suas ações se estiverem pensando em ajudar a construir um futuro com menos preconceito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, BiankaPires . **Racismo e des-afetividade no cotidiano escolar**. Agenda Social. V.5, n°3, set/ dez / 2011. Disponível em: [http://www.uenf.br/Uenf/Downloads/Agenda\\_Social\\_8802\\_1337693260.pdf](http://www.uenf.br/Uenf/Downloads/Agenda_Social_8802_1337693260.pdf). Acesso em: 27 de dez. de 2014, 12h20min.

ASANTE, MolefiKete. **Afrocentricidade: Notas Sobre uma Posição Disciplinar**; In: Afrocentricidade Uma Abordagem Epistemológica Inovadora / Elisa Larkin Nascimento (org.). - Selo Negro Edições, 2009.

BARROS, SuryaAaronovich Pombo de. **Educação Antirracista: A Emergência de Um Problema**. In: Marco Aurélio Paz Tella (Org.); Educação, ações afirmativas e relações étnico-raciais no Brasil /.- João Pessoa: NEABI/UEPB, 2012. 66p. (Cadernos Afro-Paraibanos; I)

BERND, Zilá. **O que é Negritude**; São Paulo: Brasiliense, s.d. 1988.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía. **A questão racial na escola: um estudo sobre as representações dos agentes da escola sobre os conteúdos etnicoculturais**. – Belém: Unama, 2010.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Petrópolis: Vozes, 1981.

FARIAS, Melânia Nóbrega Pereira de. **Negro no Plural: Um Estudo de Casa Sobre a Construção Identitária de Negros Militantes e Não-Militantes de Campina Grande/PB**; Recife, UFPE, 133 f. 2004, Dissertação – (Mestrado em Antropologia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal Do Pernambuco, Recife, 2004.

FERNANDES, Florestan. **O Negro no Mundo dos Brancos**, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1972.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. – 48° ed. Ver. – São Paulo: Global, 2003.

Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), INEP e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, órgãos do Ministério da Educação (MEC), **Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar** no ano de 2009. Disponível em :<<http://www.fea.usp.br/noticias.php?i=268>>. Acesso em: 07 de jan. 2015, 15h:45min.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre Algumas Estratégias de Atuação**. In. KabengeleMunanga, organizador. Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil**/ Carlos Hasenbalg; traduzido por Patrick Burglin; prefácio de Fernando Henrique Cardoso. – e. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

HENRIQUES, Ricardo. **Desigualdade Racial no Brasil: Evolução das Condições de Vida na Década de 90**. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4061](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4061)> . Acesso em: 20 de dez. de 2014, 9h20min.

JUNIOR, Caio Prado. **Formação do Brasil Contemporâneo Colônia**, São Paulo, Editora Brasiliense, 6º Edição, 1961.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: uni conceito antropológico**/ 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED., 2001.

**LEI Nº 3.353, DE 13 DE MAIO DE 1888**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/LIM/LIM3353.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM3353.htm)>. Acesso em: 22 de set. 2014, 19h30min.

LOPES, Véra Neusa. **Racismo, preconceito e discriminação**. In. Kabengele Munanga, organizador. Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada / – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.

MATOS, Teresa Cristina Furtado e TELLA, Marco Aurélio Paz. **Relações Étnico-Raciais no Brasil**. In: Educação, ações afirmativas e relações étnico-raciais no Brasil / Marco Aurélio Paz Tella (Org.).- João Pessoa: NEABI/UFPB, 2012. 66p. (Cadernos Afro-Paraibanos; I).

MORESI, Eduardo; **Metodologia da Pesquisa**; Universidade Católica de Brasília – UCB; Pró-Reitoria de Pós Graduação – PRPG; Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação; Brasília, 2003.

MUNANGA, Kebengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra** – 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil**. In: Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 19, n. , 2006.

**Para uma história do negro no Brasil**. — Rio de Janeiro : Biblioteca Nacional, 1988. 64 p. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE Censo Demográfico 2010; **Características da população e dos domicílios Resultados do universo**; Rio de Janeiro, 2011.

PEREIRA, Cícero, TORRES, Ana Raquel Rosas, ALMEIDA, Saulo Teles. **Um estudo do Preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial**. In: Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003.

**Retrato das desigualdades de gênero e raça** / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ... [et al.]. - 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011. 39 p.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro, a formação e o sentido do Brasil**. Companhia das Letras, São Paulo, segunda edição, 1995.

RODRIGUES; Raymundo Nina. **Os africanos no Brasil** – CentroEdelstein de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro, 2010.

ROMERO, Sílvio. **Introdução a história da literatura brasileira**. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1882.

Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Estatutoda Igualdade Racial**; Brasília, julho de 2012.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco : raça e nacionalidade no pensamento brasileiro** (1870-1930). Tradução Donaldson M. Garschagen ; prefácio Lilia Moritz Schwarcz. 1a ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2012.

VERÇOSA, Alzenite de Araújo. **Racismo na Escola: o silêncio fala mais alto**. Ouro Preto; UFOP; 2012. Monografia – Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em Educação para a Diversidade da Universidade Federal de Ouro Preto; Ouro Preto, 2012.

ZEBRAL, Deliane Fernandes. **Rompendo Barreiras do Preconceito Racial no Ambiente Escolar**. Conselheiro Lafaiete, 2012. Disponível em: <http://www.amde.ufop.br/tccs/Lafaiete/Lafaiete%20-%20Deliane%20Zebral.pdf>. Acesso em: 15 de novembro de 2014, 17h35min.

## APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Sr.(a)

Eu, Jardeson de Sousa Guilherme, como aluno do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, pretendo desenvolver uma pesquisa com alunos do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, porteiro, professores de sociologia e a gestora escolar, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz, Sumé – PB, intitulada: **Preconceito racial na escola: um olhar sobre a visão dos atores escolares na E.E.E.F.M. Profº José Gonçalves de Queiroz Sumé-PB**, tendo como objetivo, analisar se na visão dos pesquisados há preconceito contra o negro na escola, se houver, saber deles se a questão racial é tratada adequadamente, sob orientação do Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos (pesquisador responsável).

O(s) motivo(s) que nos leva a estudar o assunto são os preconceitos que o negro sofreu durante toda sua história e continua sofrendo. Então vejo a necessidade de analisar se há este preconceito no ambiente escolar e de que maneira se apresenta para a pessoa negra, também é interessante pesquisar se está sendo tratada adequadamente a temática.

Portanto, solicito a vossa contribuição e compreensão para participar deste estudo.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária, não irá acarretar qualquer dano nem custos para você. Esclarecemos que não será disponível nenhuma compensação financeira e que os dados contidos nesta investigação, serão divulgados em eventos científicos da categoria e em periódicos.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo, através da assinatura abaixo.

Atenciosamente,

---

Jardeson de Sousa Guilherme

Fone: (83) 9637-4589

### Consentimento do Voluntário.

Declaro que fui devidamente esclarecido (a) e admito que revisei totalmente e entendi o conteúdo deste termo de consentimento.

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar desta pesquisa desde que assegurado o anonimato. De minha parte o faço de livre e espontânea vontade, não tendo sido forçado ou coagido para tal, e ciente de que os dados serão usados pelo responsável pela pesquisa com propósitos científicos. Estou ciente também que receberei uma cópia deste documento.

Sumé, \_\_\_\_\_

---

Assinatura do Participante

Endereço do pesquisador participante (Residência): Jardeson de Sousa Guilherme  
Rua Francisco Odom de Souza nº 198 – Várzea Redonda, Sumé - PB, CEP: 58540-000  
Telefone para contato: (83) 9637-4589 E-mail: jardesonsousa@hotmail.com

## APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS (AS)

Este questionário é parte de requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande/CDSA – Sumé PB, no intuito de saber da visão dos alunos (as), a respeito se existe preconceito contra o negro no âmbito escolar e se está sendo tratada adequadamente a questão racial.

Escola pública ( ) Privada ( )

Sexo: M ( ) F ( )

Série

1- Você se identifica como sendo:

Branco ( )

Preto ( )

Pardo ( )

Indígena( )

Amarelo( )

2- O que você entende por preconceito racial?

3- Quem você acha que é mais discriminado na escola?

Branco( )

Preto ( )

Pardo( )

Indígena ( )

Amarelo ( )

Nenhum ( )

4- Para você existe alguém na escola que discrimina pela cor da pele?

Sim ( )

Não ( )

5- Para você a inteligência humana tem alguma ligação com as questões étnicas raciais?

6- Você já presenciou algum tipo de preconceito contra o negro na escola? Como foi e qual foi sua reação?

7- A escola trata da questão étnica racial? Se sim, de que forma é trabalhada?

8- Em alguma disciplina é trabalhado a importância dos povos no Brasil?

9- A algum evento na escola que trabalhe o preconceito contra o negro?

10- Para você o que a escola poderia fazer para combater o preconceito contra o negro?

### APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO DO PORTEIRO

Este questionário é parte de requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande/CDSA – Sumé PB, no intuito de saber da visão do porteiro a respeito se existe preconceito contra o negro no âmbito escolar e se está sendo tratada adequadamente a questão racial.

Escola Pública ( ) Privada ( )

M ( ) F ( )

Idade \_\_\_\_\_

1- Você se identifica como:

Branco ( )

Preto ( )

Pardo ( )

Indígena ( )

Amarelo ( )

2- O que você entende por preconceito racial?

3- Para você alguém sofre preconceito na escola? Se sim, quem sofre?

4- Você já presenciou algum insulto racista dentro da escola? Se sim, qual foi sua reação?

5- Você já presenciou algum apelido racista entre alunos?

( ) Sim, qual? \_\_\_\_\_

( ) Não

6- Você já presenciou algum evento na escola que trate da questão racial?

Sim ( )

Não ( )

7- Em sua opinião o que a escola deve fazer para combater o preconceito racial?

#### APÊNDICE 4 – QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES DE SOCIOLOGIA

Este questionário é parte de requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande/CDSA – Sumé PB, no intuito de saber da visão dos professores de sociologia a respeito se existe preconceito contra o negro no âmbito escolar e se está sendo tratada adequadamente a questão racial.

Escola pública ( ) Privada ( )

Sexo: M ( ) F ( )

Idade \_\_\_\_\_

1- Você se identifica como:

Branco( )

Preto ( )

Pardo( )

Indígena ( )

Amarelo( )

2- O que você entende por preconceito racial?

3- Qual a sua opinião sobre a mestiçagem no Brasil?

4- É possível falar de uma democracia racial no Brasil?

5- Como é o relacionamento, em sala de aula entre os alunos de grupos étnicos raciais distintos?

6- Você já presenciou algum tipo de preconceito contra o negro na sua aula ou na escola? Se sim qual foi sua reação?

7- Você trata da questão racial na sua disciplina? Se sim com que frequência?

8- Em sua opinião a escola como um todo trata adequadamente o tema étnico racial? Se sim de que modo é discutido?

9- Você conhece a lei 10 639/03? Se sim qual a relevância dela?

## APÊNDICE 5 – QUESTIONÁRIO DA GESTORA ESCOLAR

Este questionário é parte de requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande/CDSA – Sumé PB, no intuito de saber da visão da gestora escolar a respeito se existe preconceito contra o negro no âmbito escolar e se está sendo tratada adequadamente a questão racial.

Escola Pública ( ) Particular ( )

Idade ( )

M ( ) | F ( )

1- Você se identifica como sendo:

Branco ( )

Preto ( )

Pardo ( )

Indígena ( )

Amarelo ( )

2- O que você entende por preconceito racial?

3- Existe preconceito contra o negro dentro da escola?

4- Já houve algum caso registrado? Se sim qual foi a ação tomada pela direção?

5- Como é a participação dos alunos negros na escola? Existem diferenças de rendimento entre alunos brancos e negros?

6- A escola trata da questão étnica racial? De que forma é debatido?

7- O que fazer para erradicar a discriminação racial na escola?

8- A escola tem alguma ação nesse sentido?

9- O que se deve fazer para construir uma sociedade mais igualitária?